

BREVE HISTÓRIA DO

E DA

TURISMO HOTELARIA



Confederação
Nacional do
Comércio





Breve História do

TURISMO

e da

HOTELARIA

Rio de Janeiro

2005

60 anos da criação da Confederação Nacional do Comércio - CNC

50 anos da criação do Conselho de Turismo da CNC

Confederação Nacional do Comércio
Presidente: Antonio Oliveira Santos

Conselho de Turismo da CNC
Presidente: Oswaldo Trigueiros Jr.

“Breve história do turismo e da hotelaria”

Projeto e coordenação editorial: Arthur Bosisio

Texto: Gustavo Barbosa – Márcia Leitão

Colaboração: Elysio de Oliveira Belchior

Projeto gráfico: SDI - Unidade de Programação Visual

Copyright Senac Nacional 2005

Distribuição restrita

Confederação Nacional do Comércio
Brasília
SBN - Quadra 1 - Bloco B - nº 14, 15º a 18º andar
Edifício Confederação Nacional do Comércio
CEP 70041-902 - Brasília
Tel.: (61) 3329-9500
e-mail: cncdf@cnc.com.br

Rio de Janeiro
Avenida General Justo, 307
CEP 20021-130 - Rio de Janeiro
Tel.: (21) 3804-9200
e-mail: cncrj@cnc.com.br

www.cnc.com.br

Confederação Nacional do Comércio

Breve história do turismo e da hotelaria / Confederação
Nacional do Comércio, Conselho de Turismo. – Rio de Janeiro,
2005.

38 p.

1. Turismo. 2. Hotelaria. I. Título

APRESENTAÇÃO

O Turismo sempre foi um elemento importante no processo civilizatório. A conquista e a descoberta de novos povos, espaços territoriais e culturas estimularam o homem a repensar seus valores e costumes, criando um choque entre as culturas, mas também uma rede de influências etno-culturais que fizeram e fazem história.

Conhecer os primórdios do Turismo e da Hotelaria no mundo e, em especial, no Brasil, é seguir a trajetória do chamado “mundo civilizado” e desvendar elos comuns da sociedade humana. É descobrir como indivíduos tão diferentes culturalmente guardam entre si um sentimento comum de fraternidade e cortesia, onde “compartilhar” da mesa e do abrigo transformou a hospitalidade numa “virtude sagrada”, como afirmou o sociólogo tunisiano Abdelwahab Bouhdiba.

Neste documento, faremos uma rápida, mas interessantíssima viagem pelas tradições e histórias de diferentes povos no mundo: do antigo mundo grego-romano ao Brasil de nossos tempos. Vamos acompanhar das expedições dos cristãos aos lugares santos, as viagens transoceânicas dos grandes navegadores portugueses, das excursões coletivas do inglês Thomas Cook na segunda metade do Século XIX aos primeiros aviões comerciais que cortaram os nossos céus e os primeiros hotéis a encantarem os turistas estrangeiros no Brasil.

O Conselho de Turismo da Confederação Nacional do Comércio, ao comemorar 50 anos de atividades em 2005, orgulha-se em propiciar àqueles que lhe foram solidários nesses tantos anos, esta síntese histórica que registra os primórdios e aspectos principais da evolução dessa fascinante atividade econômica, uma atividade que até hoje atrai e encanta o mundo como um fenômeno de relações pessoais, fonte de emprego, renda, mas também de conhecimento e Paz Social.

A todos, uma boa leitura.

SUMÁRIO

As raízes do Turismo e da Hotelaria no mundo	9
Primórdios do Turismo e da Hotelaria no Brasil	17
Turismo e Desenvolvimento no Brasil dos séculos XIX e XX	23
Bibliografia	37

AS RAÍZES DO TURISMO E DA HOTELARIA NO MUNDO

O peregrino em romaria por lugares santos; o mercador em busca de novos produtos e clientes; o conquistador que almeja expandir seus domínios e riquezas; o aventureiro disposto a experiências exóticas. O explorador antevendo descobertas. O que há em comum entre essas pessoas? - Sem dúvida, a vontade de ultrapassar fronteiras, a curiosidade de conhecer o novo. E, na raiz desses dois desejos, molda-se a mola propulsora do Turismo através dos tempos.

Como isso começou? Difícil precisar. Há quem acredite que um turismo embrionário era praticado por povos primitivos ainda na pré-história. Registros arqueológicos na Caverna de Madasin, nos Pirineus, identificaram que seus habitantes, há 13.000 anos, viajavam até o mar e retornavam.¹

É muito provável que já houvesse algum olhar turístico nas longas viagens marítimas dos fenícios, inventores do comércio e da moeda, três milênios antes da era cristã, ou nas caravanas dos povos mesopotâmios (sumérios, babilônios, assírios) que atravessavam as regiões áridas do Oriente Médio, dando início a um culto singular à hospitalidade. Apesar da vida nômade desses povos, sempre havia uma tenda pronta a receber os estranhos.

Alguns estudiosos atribuem ainda um dos marcos iniciais do turismo na Antiguidade à viagem da rainha de Sabá, que no século X a.C. deixou seu palácio a sudoeste da Arábia para fazer uma visita ao Rei Salomão, em Jerusalém.

Mas foi na Grécia Antiga que o Turismo começou a tomar forma como atividade econômica. Por volta do século VII a.C., os eventos desportivos realizados a cada quatro anos na cidade-estado de Olímpia atraíam não apenas atletas como também espectadores. Os Jogos Olímpicos motivaram as primeiras viagens de lazer, que se tornaram importantes a

1. LEAKEY, 1999
apud BADARÓ,
2005.

ponto de se fazer trégua nas guerras para salvaguardar os viajantes. Todos os demais pontos do trajeto, e não apenas Olímpia, adaptaram-se e criaram estruturas de alojamento, alimentação e transporte para esses primeiros turistas. ²

2. CEZAR, 2005

A expansão do Império Romano trouxe motivos ainda mais numerosos e atraentes para se viajar. As conquistas territoriais fizeram surgir intenso intercâmbio comercial, dando origem também a viagens de lazer, em que não faltavam atrações como espetáculos circenses e lutas de gladiadores. Os romanos, portanto, contribuíram de forma significativa para o que viríamos a chamar de Turismo, como afirma Rui Aurélio de Lacerda Badaró, no artigo “O direito do Turismo através da história e sua evolução”.

“Os romanos podem ser considerados os primeiros a viajar por prazer. Diversas pesquisas científicas (análise de azulejos, placas, vasos e mapas) revelaram que o povo romano ia à praia e a centros de rejuvenescimento e tratamento do corpo, buscando sempre divertimento e relaxamento”. ³

3. BADARÓ,
2005

Roma foi o centro do maior império do mundo ocidental na Idade Antiga e por quase dois séculos viveu um período de relativa paz, sob forte domínio militar, que ficou conhecido como “Pax Romana” (de 29 a.C., quando Augusto César declarou o fim das guerras de conquista, até 180 d.C., com a morte de Marco Aurélio). Durante essa “paz romana”, foi



intensa a construção de estradas, hospedarias e até mesmo centros de tratamento termal, no vastíssimo império que ia da Inglaterra até a Mesopotâmia, incluindo metade da Europa, grande parte do Oriente Médio e do norte da África.

* * *

O intercâmbio comercial e as movimentações militares promovidas pelo Império Romano deram origem não apenas ao costume das viagens de lazer como também às próprias palavras que passaram a designar essa nova atividade humana.

A palavra francesa *tour*, raiz do atual conceito de turismo, provém do substantivo latino *tornus* (“volta”) ou do verbo *tornare* (“voltar”). Inicialmente significava “movimento circular” e com o tempo passou a designar também “viagem de recreio, excursão”. O termo francês *Tourisme* (1643) disseminou-se nos mais diversos idiomas, como se vê no vocábulo inglês *Tourism* (1811). Na própria etimologia da palavra “Turismo” está refletida a evolução da atividade. Seu primeiro registro em português, no século XX, já designava bem mais do que “uma viagem de ida e volta”.⁴

4. CUNHA, 1982

Ainda mais longe nessa viagem etimológica foi o suíço Arthur Haulot, ao buscar as origens do termo *Tour*, chegando a levantar suas raízes no hebreu antigo. Segundo ele, *tur* (em hebraico antigo) quer dizer “viagem de descoberta, de exploração, de reconhecimento”.⁵

5. CÉZAR, 2005

Também o termo “Hospitalidade” teve origem no Império Romano. A palavra *hospitium* designava o local em que era possível conseguir, durante as viagens, instalações em caráter temporário para alimentação e repouso. *Hospitale* e *hospitalicum* eram outras expressões romanas que designavam casa para hóspedes (*hospes*, *hospitus*).

“Segundo o conceito tradicional das relações entre as pessoas - diz Abdelwahab Bouhdiba - o código da hospitalidade é sagrado. Beber da mesma água e comer do mesmo sal cria um vínculo místico e a hospitalidade é uma comunhão que cria laços duradouros.”⁶

6. apud
BELCHIOR e
POYARES, 1987

O uso do cavalo como transporte nas vias e estradas romanas fez surgir ainda novos tipos de hospedagem: o *stabulum* (acomodações para o viajante e tratamento da montaria), as *mutationes* (mantidas pelo Estado, destinadas à troca de animais e ao repouso de viajantes), as *mansiones* (destinadas a abrigar tropas militares em marchas) e as *tabernae* (onde se vendiam produtos da terra, comidas e bebidas).

Diante da extensão do Império, era inevitável a incorporação de usos e costumes de hospitalidade dos povos conquistados. Na etimologia da palavra “albergue” pode-se ver a influência de bárbaros (do gótico *haribergen*, hospedar) ou de árabes (*berge*). Para Belchior e Poyares, a semelhança entre os dois étimos indica uma provável origem comum.

* * *

O declínio do Império Romano e sua queda por volta do ano 400 d.C. marcaram o fim do período inicial da história do Turismo. As guerras sucessivas prejudicaram as estradas e o comércio tornou-se muito difícil. Acabaram as viagens como forma de lazer. A partir daí, o Turismo ganha características de aventura ou de manifestação da fé.

Com a expansão do Cristianismo no mundo, multiplicaram-se as peregrinações religiosas a Jerusalém, mais especificamente à Igreja do Santo Sepulcro, construída pelo imperador Constantino em 326 d.C. Os peregrinos eram conhecidos então como “palmeiros” e, a partir do século VI, passam a ser chamados de “romeiros”, já que a cidade de Roma foi incluída nos roteiros das peregrinações.⁷

7. BADARÓ,
2000

As viagens de caráter religioso se intensificaram entre os séculos VII e IX. Foi desse período final, por exemplo, a descoberta da tumba do apóstolo São Tiago, no norte da Espanha, o que atraiu grande veneração a ponto de motivar o peregrino francês Aymeric Picaud a escrever as histórias sobre o apóstolo e um roteiro de viagem sobre a travessia da França até o sepulcro de São Tiago. Este roteiro, editado em 1140, foi considerado o primeiro guia turístico impresso da Europa. E até hoje o “Caminho de Santiago de Compostela” é um dos roteiros mais visitados do mundo.

A peregrinação a Santiago de Compostela suscitaria também as primeiras excursões pagas registradas pela História, organizadas por adeptos dos Jacobitismo, movimento político surgido na Escócia em resposta à deposição de James II da Grã-Bretanha.

No século XI, Jerusalém foi dominada pelos turcos seljúcidas, que nessa época ocupavam grandes extensões da Ásia central e ocidental. A partir daí, entre os séculos XI e XIII, com a motivação inicial de libertar o Santo Sepulcro das “profanações” turcas, o mundo cristão organizou as expedições militares-religiosas conhecidas como Cruzadas.

As pousadas que até então funcionavam principalmente para os viajantes religiosos, em nome da caridade samaritana, assumiram características de negócio lucrativo diante do movimento intenso de soldados, peregrinos e mercadores nos caminhos europeus, e um grande número de novos estabelecimentos foi aberto nesse período. Essa mudança do perfil da hotelaria, firmando-se agora como atividade profissional, tem como marco significativo a criação do primeiro grêmio dos proprietários de pousadas, em Florença, na Itália, no ano de 1282.⁸

8. BADARÓ,
2005

A partir do século XIII, portanto, as relações entre Comércio e Turismo tornaram-se mais sólidas, ficando difícil separar uma atividade da outra. Neste cenário surgiu a Liga Hanseática, um grupo mercantil que controlava o comércio e as feiras em mais de 90 cidades, trazendo mercadorias de Novgorod, na Rússia, e comercializando-as com preços tabelados.⁹ Além de franquias e entrepostos no norte europeu, a Liga Hanseática organizava grupos de viagem para percorrer diversas cidades, visando mostrar aos viajantes sua organização e

9. BOYER, apud
Badaró, 2005



suas atividades mercantis. “Esses grupos eram acolhidos por pousadas já determinadas pela liga, onde eram tratados de forma diferenciada com mensagens, vinhos e outras peculiaridades de cada região”, afirma Rui Aurélio Badaró, no artigo “O Direito do Turismo através da história e sua evolução”. Estavam plantadas as raízes também do turismo de negócios.

* * *

Nos séculos XIV a XVI, o Renascentismo floresceu como um período de intensa produção artística e científica na Europa. Viajar passou a ser uma ambição cultural, uma oportunidade para acumular conhecimentos, aprender línguas e desfrutar aventuras.

Até então, a atividade turística era coisa para jovens, em sua maioria acompanhados de professores ou religiosos.¹⁰ Eram viagens realizadas principalmente pela nobreza masculina e pelo clero. Na Europa do século XVI, alguns países se destacavam como centros de efervescência cultural. Visitar esses países era, antes de mais nada, um aprendizado indispensável à boa educação. E se estas eram viagens “educativas”, necessário se fazia contar com um professor ou tutor que falasse a língua do país visitado e que conhecesse os hábitos e costumes locais.

10. BADARÓ,
2005

Florença e Roma despontaram como destinos culturais, desencadeando na sociedade inglesa, por exemplo, uma verdadeira “febre italiana”. Os nobres que não conhecessem a Itália sentiam-se inferiores, inclusive porque formavam-se clubes reservados somente àqueles que já tivessem viajado às capitais do Renascimento.¹¹

Apesar do incremento do Turismo comercial, a experiência de hospedar peregrinos, deixada pelo período das Cruzadas, havia reforçado nas ordens religiosas o compromisso de acolher pobres e enfermos. O estatuto da Santa Casa de Misericórdia de Lisboa, por exemplo, datado de 1516, evidencia o compromisso de “abrigar os viajantes e os pobres”. Mas, com o aumento da quantidade de viajantes, a dificuldade de manter num mesmo ambiente doentes e sãos fez com que estes espaços de acolhimento se separassem em “hospitais” e “albergarias”.

Nas últimas décadas do século XVIII, surgiu na Europa o Romantismo, movimento artístico e filosófico que se caracteriza por uma visão de mundo centrada no indivíduo, na subjetividade e na emoção. Em tempos de Romantismo, o Turismo tornou-se também “romântico”. Jean Jacques Rousseau, pai da “Teoria do Bom Selvagem”, viajou a pé por toda a França em 1776 e, dos relatos de viagem, nasceu a obra “*La nouvelle Héloïse*”, sagrando seu autor como o “primeiro turista do Romantismo”.



Nessa época ainda as atividades lúdicas e de recreação firmavam-se como fortes ingredientes do Turismo. Os jogos de azar ganharam espaço na sociedade e nasceram na Europa os primeiros cassinos.

No início do século XIX, mais precisamente em 1804, entrou em vigor na França um novo código civil, o Código de Napoleão, que deu forma jurídica às principais conquistas da Revolução Francesa de 1789 e serviu de inspiração a mais de 70 países, estabelecendo os traços da moderna sociedade ocidental. Nesse código, pela primeira vez na história da humanidade, foi regulamentada a responsabilidade civil do agente hoteleiro.

Em 1841, quando da realização de um congresso antialcoólico na Inglaterra, o inglês Thomas Cook organizou a primeira viagem coletiva da história do Turismo internacional. Quatorze anos depois, os negócios de Cook haviam prosperado e suas viagens passaram a envolver transporte, hospedagem, alimentação e serviços de guia.

PRIMÓRDIOS DO TURISMO E DA HOTELARIA NO BRASIL



A célebre carta ao Rei de Portugal, Dom Manuel, do escrivão Pero Vaz de Caminha é o primeiro registro de um episódio de “hospedagem” no Brasil.

“O Capitão mandou pôr por baixo da cabeça de cada um seu coxim (...). E deitaram um manto por cima deles; e consentindo, aconchegaram-se e adormeceram.”¹²

O trecho acima narra o primeiro contato entre duas tradições de hospitalidade: a indígena e a portuguesa. Caminha nos conta que o Capitão recebeu os indígenas sentado em uma cadeira, “bem vestido, com um colar de ouro, mui grande, ao pescoço”, e mandou acender tochas à sua chegada. Tudo nos jovens índios era inusitado: o beijo furado e atravessado por um osso, os cabelos corredios rapados por cima das orelhas, adornados com penas coloridas, e a sua total falta de formalidade quando subiram a bordo. Não quiseram comer quase nada do que lhes serviam: pão e peixe cozido, doces, mel, figos passados. “Se provavam alguma coisa, logo a lançavam fora”, conta o escrivão. O mesmo fizeram com a água e com o vinho que lhes trouxeram em uma taça. “E então estiraram-se de costas na alcantifa, a dormir sem procurarem maneiras de encobrir suas vergonhas”. Foi então que Cabral mandou pôr almofadas sob suas cabeças e um manto para cobri-los.

De certa forma, esse curioso encontro de tradições de hospitalidade retrata as origens do estilo brasileiro de “receber”. De um lado, os índios, que compartilharam com os navegantes vindos de além-mar a exuberância da terra em que viviam. Em sua natural inocência, acolheram os europeus como “mensageiros de tupã”, como disse José de Alencar, embora muitas vezes tenham recebido em troca a escravidão e a guerra. De outro lado, os portugueses, que herdaram dos antigos a visão sagrada da hospitalidade, como “coisa do céu, caída na terra”, conforme observou o historiador Diodoro da Sicília, no século I antes de Cristo.¹³

12. CAMINHA, Pero Vaz. **Carta a El Rei D. Manuel**

13. apud BELCHIOR e POYARES, 1987



Nas raízes da hospitalidade portuguesa misturam-se diferentes influências étnicas, desde o proverbial costume hospitaleiro dos árabes, que dominaram a Península Ibérica de 711 a 1492, aos princípios referenciais do Cristianismo. O Apóstolo Paulo, em sua Epístola aos Romanos, afirma:

"[...] Esmerai-vos na prática da hospitalidade." ¹⁴

14. Romanos,
12:13 - Novo
Testamento

Quando a frota de Cabral aportou na costa brasileira, Vasco da Gama já havia atingido a Índia (1498), tornando as viagens ao Oriente um negócio bastante lucrativo. Já no novo mundo, era preciso colonizar o território, e isso implicava em não só povoar todo o litoral para impedir invasões dos franceses, mas também explorar o interior. Surgiram então as expedições bandeirantes.

Os caminhos abertos pelos bandeirantes, mais tarde usados no trânsito de pessoas e produtos entre o litoral e as regiões mineradoras, fizeram surgir os primeiros focos de hospedagem pelo interior do Brasil. Ranchos toscos e rústicos, inicialmente improvisados à beira das estradas para abrigar os viajantes, assemelhados às antigas estalagens européias, foram o embrião da atividade hoteleira e comercial nessas regiões. Deve-se a esses ranchos, e portanto à nascente hotelaria em nosso país, a origem de centenas de cidades.

"Não se paga hospedagem, mas ao pé do rancho há uma venda em que o proprietário vende o milho que serve de alimento aos animais dos itinerantes; indeniza-se assim amplamente da despesa que fez para levantar o rancho, e citaram-me o nome de proprietários que possuem até cinco ranchos à beira da estrada." ¹⁵

15. SAINT-
HILAIRE, August
apud BELCHIOR
e POYARES, 1987

Esse tipo de hospedagem perdurou até o século XX, no rumo dos tropeiros que conduziam rebanhos de gado bovino e eqüino, principalmente provenientes do Sul do país. Antes de existirem estradas e caminhões para transportá-los, os rebanhos faziam viagens de milhares de quilômetros, em numerosas comitivas. Em uma etapa posterior aos ranchos primitivos, alguns sitiantes reservavam pastos com água para acolher os animais em trânsito e construía aposentos próprios, com fogões de lenha, para os grupos de tropeiros. O paga-

mento pelos pernoites, além de dinheiro, não raro era feito em cabeças de gado, promovendo assim o incremento de fazendas. Hoje, muitos hotéis e restaurantes de caminhoneiros ao longo das estradas ou em cidades interioranas ostentam como decoração as rodas dos carroções que transportavam bagagens e alimentos das tropas nesses trajetos.

* * *

Nas cidades do Brasil-Colônia, a hospitalidade típica dos portugueses fez com que a hotelaria demorasse a se consolidar como atividade comercial. Os quartos de hóspedes eram imprescindíveis nas boas residências em todo o país, não apenas em função das tradições e do dever cristão de dar abrigo aos viajantes. A gentileza e a generosidade do anfitrião eram fatores de prestígio na sociedade. Os forasteiros sempre traziam novidades de outras terras. E, algumas vezes, a relação entre anfitrião e hóspede envolvia interesses materiais e políticos.

Com a mesma facilidade não contavam os pobres ou os estrangeiros sem referências e cartas de recomendação. Mas estes viajantes tiveram a seu favor o espírito samaritano das ordens religiosas. A exemplo do ocorrido na Europa durante a Idade Média, o caráter filantrópico das Ordens Católicas deu origem às primeiras instituições hospedeiras no Brasil.

O Terreiro de Jesus, em Salvador, primeira capital do Brasil Colônia, foi endereço de uma Casa dos Hóspedes, no Colégio de Jesus, que recebeu personalidades ilustres, vindas da Europa, e também pessoas que necessitassem de acolhida caridosa. No Rio de Janeiro, aposentos para hospedagem foram construídos num prédio anexo ao Mosteiro de São Bento e um abrigo para desocupados foi instalado junto ao Convento da Ajuda, no século XVIII. Além disso, instituições da Igreja em vários pontos do país construíram “hospícios” (do latim *hospitium*, hospedagem, pousada) para acomodar religiosos em viagem.

* * *

Naqueles dias de janeiro a março de 1808, nunca antes o Brasil tinha vivido tamanha movimentação, em três séculos de existência como colônia portuguesa. A família real, todos os nobres, os oficiais superiores, os altos funcionários e suas famílias, totalizando mais de 10 mil pessoas, haviam chegado com o máximo de bagagem que foi possível trazer em 14 navios abarrotados. Em contraste com o esvaziamento que as tropas de Napoleão encontraram em Lisboa, as ruas do Rio de Janeiro tornaram-se um insólito cenário de aglomeração e comemorações.

Como alojar toda aquela gente de uma hora para outra, numa cidade sem qualquer estrutura para isso? Apenas duas letras, “P.R.”, afixadas nas portas das melhores residências, resolveram o problema. A sigla indicava que o Príncipe Regente, em sua autoridade incontestável, tinha escolhido e requisitado aquele imóvel, que deveria ser desocupado de imediato por seus moradores para que nele se acomodassem membros da comitiva recém-

chegada. A indignação de alguns dos despejados, a reverente resignação de outros e o protesto irônico dos cariocas de então traduziram a sigla como “ponha-se na rua” ou “prédio roubado”.

É claro que não se pretende aqui encarar esse episódio como um marco inicial da história da hotelaria no Brasil. Mas não há dúvida de que a súbita chegada de tão numeroso contingente ao Rio de Janeiro, em função da transferência da corte portuguesa para a colônia do novo mundo, suscitou um verdadeiro “choque de demanda”, a partir do qual a atividade hoteleira encontraria os motivos e condições para surgir e se desenvolver.

* * *

Mas nem só a transferência da família real para o Brasil determinou as mudanças na hotelaria e na atividade turística no País. Antes da “abertura dos portos às nações amigas”, decretada pelo Príncipe Regente Dom João, a falta de hospedagem no Brasil não chegava a ser um problema crítico. Apesar de pouquíssimos e de suas precárias condições, os albergues existentes atendiam aos eventuais visitantes de outras capitâneas que não tinham prestígio, recomendações ou amigos na cidade.

Vale lembrar que no Rio de Janeiro, tripulantes dos navios estrangeiros (não-portugueses) que entravam na baía de Guanabara não tinham permissão para permanecer em terra após o pôr-do-sol. Tinham que ir dormir a bordo. Essa era também a opção de grande parte dos visitantes autorizados que, muito embora tivessem inicialmente a intenção de pernoitar na cidade, acabavam dormindo no navio para não enfrentar os mosquitos, ratos e baratas nas casas de pouso locais.

Os albergues do Rio de Janeiro eram então identificados por “um pedaço de pano suspenso em um bastão colocado à frente das casas, como na Europa as tabuletas dos cabarés”.¹⁶

Este cenário começou a transformar-se após a chegada da família real. O pintor Jean Baptiste Debret, que veio para o Rio em 1816 integrando uma Missão Artística a convite do Príncipe Regente, escreveu sobre as mudanças que presenciou em pouco tempo no Largo do Paço, local que então se tornava o primeiro pólo de hotelaria da cidade. O comentário de Debret é tão rico em detalhes visuais que chega a lembrar o estilo de suas gravuras:

“[...] já em 1818, com a afluência dos estrangeiros, vários proprietários transformaram os portões em lojas, alugando-as a uns franceses donos de café, que logo utilizaram o primeiro andar para bilhares e mais tarde o resto do edifício para casas de cômodos. Elegantes tabuletas bem pintadas e vitrinas com colunas de mármore, vindas de Paris, enfeitam hoje esses estabelecimentos procurados pelos estrangeiros que desejam passar um momento na cidade

16. LANGSTEDT,
F.L. *Reisen nach
Sudamerika -
Asien und Afrika*

ou se hospedar de modo a comunicar-se facilmente com seus navios. Vê-se, no mesmo lado, uma galeria (passagem muito freqüentada) que conduz a pequenas ruas muito antigas, onde se encontra o tipo primitivo de albergue português, cujo balcão se orna de uma enorme lanterna de zinco enfeitada com folhagens do mesmo metal e artisticamente pintadas de cor-de-rosa ou verde. A lanterna encima um braço de ferro ao qual se suspende uma tabuleta donde se destaca, em fundo branco, a efigie de um animal cujo nome se inscreve ainda embaixo, nos seguintes termos: 'isto é um gato, um leão, uma cobra', inscrição ingênua que bem demonstra a ingenuidade do quadro. Essas hospedarias destinadas aos habitantes do interior e situadas perto dos lugares de desembarque comportam armazéns para depósitos provisórios das mercadorias e assemelham-se bastante às da Itália. Vê-se na cidade o mesmo gênero de tabuleta, sem a lanterna, à porta das casas de pasto." ¹⁷

Além dos milhares de imigrantes que haviam chegado com a família real, a fixação da corte portuguesa no Rio de Janeiro trouxe um súbito incremento nas relações comerciais locais. Capitais ingleses e portugueses foram investidos no Brasil, a baía de Guanabara passou a ficar coalhada de navios, o mercado ficou abarrotado de produtos importados, as edificações se multiplicaram. A colônia transformava-se rapidamente em nação soberana. Cada vez maior era o número de estrangeiros que aqui desembarcavam, em missões diplomáticas, expedições científicas ou viagens de negócios.

Só então se passou a falar em hotéis, palavra que chegou às ruas na voz dos estrangeiros que os procuravam, ainda sem sucesso. Sendo um galicismo (do francês *hôtel*), o vocábulo ainda não se fazia presente na edição de 1813 do Dicionário da língua portuguesa, de Antônio de Moraes e Silva, o primeiro dicionarista brasileiro. Mas logo as casas de hospedagem dos mais variados níveis, das estalagens às pensões, passavam a usar a nova denominação, que lhes conferia mais prestígio. Em 1817, pela primeira vez em anúncio na

17. DEBRET, J.B.
Viagem
pitoresca e
histórica ao
Brasil



imprensa, a Hospedaria do Reino do Brasil passou a utilizar o termo “hotel” ao designar-se *Hôtel Royaume du Brésil*. Porém, em 1887, o *Handbook of Rio de Janeiro* registrava que “a maioria dos hotéis da cidade não passava de restaurantes”.¹⁸ Um bom exemplo foi o Hotel Pharoux, criado em 1817 como um restaurante, dois anos mais tarde, já oferecia ao cliente não apenas boa comida, mas também quarto mobiliado. Em 1838, já era o estabelecimento de maior prestígio no Rio Imperial, ponto de reunião de estrangeiros.¹⁹

Enquanto o Rio de Janeiro viveu um súbito aumento do fluxo de estrangeiros a partir de 1808, outros mercados turísticos brasileiros viriam a crescer apenas algumas décadas depois. Foi o caso de São Paulo que viu crescer sua demanda de hospedagem à medida que o século XIX transcorria, em direção a um crescimento ainda maior na primeira metade do século XX. Nesse processo teve papel de destaque a fundação da Academia de Direito, em 1827, que atraiu jovens de todo o País e, em pouco tempo, se tornou um importante núcleo de atividades intelectuais e políticas na cidade, dinamizando a vida paulistana e modernizando os seus costumes tradicionais. São Paulo, então capital da província, tornou-se importante núcleo de atividades intelectuais e políticas. Profundas transformações econômicas e sociais viriam em seguida, a partir da expansão da lavoura cafeeira em várias regiões paulistas e da entrada em operação da estrada de ferro Santos-Jundiaí, em 1867, construída para levar o café ao porto de Santos.



TURISMO E DESENVOLVIMENTO NO BRASIL DOS SÉCULOS XIX E XX

Na rota da evolução empreendida pelo Turismo nos séculos anteriores, intensificaram-se no século XIX as viagens em busca de cultura e recreação. Nesse período houve um contínuo processo de massificação do turismo. A evolução dos meios de transporte tornou as viagens mais acessíveis para outros segmentos da população que não a nobreza.

"Os trens eram sinônimo de rapidez e elemento facilitador da atividade turística. Os navios exerciam verdadeira atração sobre a população. Surge a classe média, com salários melhores e maior possibilidade de gastos com entretenimento [...]"²⁰

20. BADARÓ,
2005

No Brasil, a malha ferroviária começou, em meados do século XIX, a encurtar distâncias. A "Baroneza", primeira locomotiva a trafegar no Brasil, construída na Inglaterra, inaugurou a Estrada de Ferro Mauá em 1854. O imperador D. Pedro II, entusiasta da tecnologia, mandou fabricar na Bélgica, em 1886, o *Carro Imperial*, com luxuosos vagões que garantiam conforto e segurança às suas viagens pelo País.

Em meados do século, havia no Rio de Janeiro duas centenas de estabelecimentos de hospedagem (sendo apenas a terça parte pertencente a brasileiros), dos quais cerca de cinquenta eram considerados hotéis. Entretanto, vários depoimentos de visitantes estrangeiros continuavam se ressentindo da falta de hotéis de qualidade. Principalmente por serem ainda muito gritantes as diferenças de padrão sócio-econômico entre o Brasil e os países desenvolvidos, em todos os aspectos da qualidade de vida das grandes metrópoles e não apenas no campo da hotelaria.

Em 1870, o inglês William Hadfield anotou, para o livro que iria publicar sete anos depois, o que considerava extremamente necessário para a capital brasileira de então:

"(...) um hotel realmente bom, algo semelhante àqueles dos Estados Unidos (...). Existem muitos hotéis espalhados pela cidade, alguns mais ou menos pretensiosos, mas nenhum apresenta grau de conforto tão essencial para uma grande cidade como o Rio de Janeiro".²¹

21. HADFIELD,
1877

Em 1886, outro livro publicado na Inglaterra (*Exploring and traveling three thousands miles trough Brazil from Rio de Janeiro to Maranhão*) registra comentários de um viajante, desta vez James Wells, que tinha passado pelo Rio cinco anos antes:

"Existiam então (e agora muito mais) 12 linhas de paquetes, 11 de cabotagem e 4 ferrovias convergindo para o Rio, todas trazendo 317.760 passageiros de primeira classe para a cidade, por ano, ou em média, 870 por dia. Mesmo com todo este movimento e o relativamente grande número de hotéis, não existe um que preencha os requisitos usuais da primeira classe".²²

22. WELLS,
1887.

Os hotéis de melhor categoria começaram a surgir em antigas mansões, como o Hotel Ravot (antiga residência do Visconde de Cachoeira, na Rua do Ouvidor), ou fora do centro do Rio, alguns deles em bairros afastados. Esta opção oferecia maior conforto, requinte e paisagem exuberante, sem os inconvenientes da confusão das ruas e da falta de saneamento da cidade.

De modo relativamente semelhante ao que ocorre hoje nos *resorts* e hotéis-fazendas, os visitantes se refugiavam em locais bucólicos, como a Chácara das Mangueiras, até então propriedade do Conde d'Eu, transformada em Grande Hotel (Versalles); ou no Hotel White, antigo palacete de verão do Conde de Itamarati, no Alto da Boa Vista; no Hotel d'Anglaterra, no antigo Colégio de Instrução e Educação de Meninas, de Mrs. Hitchings, na praia de Botafogo; ou no Grand Hotel Internacional, na rua do Aqueduto, atual Almirante Alexandrino, em Santa Tereza.



A evolução dos meios de transporte viabilizou o investimento hoteleiro em locais distantes do centro do Rio de Janeiro. Até os hóspedes dos hotéis do Alto da Boa Vista podiam contar com uma linha de bondes que ligava o centro da cidade ao sopé da Serra da Tijuca, onde serviços especiais de diligências completavam o percurso. Em 1879, a empresa imobiliária responsável pelo Hotel do Leme anunciava a criação de uma linha pioneira de bondes circulando em Copacabana. Para o deslocamento até o centro da cidade, foram criadas linhas de diligências que venciam as ladeiras íngremes entre Botafogo e Copacabana. Os hotéis foram responsáveis pelo desenvolvimento dos bairros de Copacabana e Ipanema, até então quase desérticos.

Além dos bondes, outros serviços de transporte coletivo de tração animal - ônibus, gôndolas e tilburis - facilitavam a opção por hotéis no Catete (Carson's Hotel), em Laranjeiras (Grande Hotel Metrópole) e na Tijuca (Hotel Tijuca, instalado na chácara do Visconde de Andaraí).

* * *

Outras novidades competitivas eram aos poucos assimiladas no atendimento ao turista no Brasil. Até meados do século XIX, o simples ato de banhar-se representou um desafio difícil para os hotéis que precisavam dar um salto de qualidade. Muitos hotéis nem sequer possuíam quartos de banho. Os hóspedes precisavam recorrer a casas de banho públicas, que também não eram numerosas.

No Rio, o Hotel Pharoux alardeou no jornal a inauguração de sua própria casa de banhos, aberta ao público, utilizando água encanada do chafariz do então Largo do Paço. No clima da cidade, os banhos tornaram-se decisivos para a preferência dos hóspedes. O Hotel Ravot surgiu oferecendo uma série de quartos de banho anexos. Outros reagiram depois, oferecendo banhos quentes. Alguns lançaram duchas. E outros, banheiras de mármore. Os hotéis próximos à praia passaram a apregoar também as comodidades para banhos de mar, com salva-vidas. Os da Serra da Tijuca ofereciam banhos de cachoeira. Outros construíram piscinas. E assim por diante.

Em São Paulo, o Grande Hotel, inaugurado em 1878, foi considerado o melhor do Brasil, na ocasião, oferecendo uma série comodidades para os hóspedes, como candelabros a gás, escada de mármore branco, mobiliário requintado, sala de banho, correio e telégrafos e outros serviços.

Uma grande novidade que fez a diferença nos melhores hotéis por volta de 1880 foi o telefone. Dom Pedro II havia se surpreendido com essa maravilhosa invenção na Exposição Internacional de Filadélfia, em 1877, e pouco tempo depois os primeiros telefones estavam sendo fabricados no Brasil, para serem instalados no palácio do Imperador. Sugestivamente, uma casa comercial chamada *Ao Rei dos Mágicos* instalou a primeira rede

telefônica do país, interligando-se a várias repartições públicas na cidade. Somente com a criação da CTB - Companhia Telefônica Brasileira, em 1881, o serviço ganhou corpo. Mas o Brasil estava adiantado neste setor, em relação ao restante do mundo. Desde 1879 havia hotéis com telefone à disposição do público, inicialmente apenas para solicitar transporte. Em 1882, finalmente, a central telefônica da CTB entrou em funcionamento, atendendo a dez hotéis, alguns deles já com telefone particular para os hóspedes, nos quartos.

Outra inovação bastante alardeada foi a eletricidade. Os avanços nessa área vieram por etapas. Primeiramente, o conforto de uma campanha elétrica em todos os quartos, para o hóspede solicitar serviços sem precisar ir até a recepção. Depois, a iluminação de alguns setores, especialmente os de uso comum. Depois, os quartos. E, nos prédios altos, os elevadores movidos a energia elétrica causavam admiração.

Além das novidades tecnológicas, a inserção dos hotéis na vida social não somente conferiu notoriedade aos que souberam seguir esse caminho, como colaborou para a transformação de costumes arraigados da antiga sociedade colonial. No Rio de Janeiro, a Corte portuguesa trouxe esse impulso, promovendo festas, saraus artísticos e trazendo artistas de companhias estrangeiras para os palcos cariocas. A partir daí, os hotéis também se incorporaram aos divertimentos da cidade. Começaram discretamente, exibindo bandas de música, e em pouco tempo já promoviam os primeiros bailes carnavalescos em salões, poupando os foliões de grosserias inconvenientes dos entrudos, nas ruas. No Rio, a folia teve início no Hotel da Itália, em 1835, repetiu-se várias vezes no mesmo ano, nesse e em outros hotéis, e consagrou-se para sempre.²³

23. BELCHIOR e
POYARES, 1987

* * *

Também em outras regiões do país, a estrutura hoteleira começou a tornar-se sólida na segunda metade do século XIX. No Rio Grande do Sul, a cidade de Porto Alegre ganhou em 1870 o “sofisticado” Hotel del Siglo, localizado na Praça da Alfândega.²⁴ Em Minas Gerais, o Hotel Caxambu, criado em 1881, e o Grand Hotel Pocinhos, instalado na Cidade de Caldas, em 1886, são ainda hoje os mais antigos hotéis brasileiros em funcionamento.

24. Almanaque
Gaúcho, 2005

Nessa época, nada foi mais impactante para o turismo no Brasil do que a imigração, não apenas pela exigência de acomodações para os imigrantes, mas também pela experiência que traziam nos serviços de hotelaria europeu. No Rio Grande do Sul, por exemplo, de 1859 a 1875, o Governo da Província registrou o número de 12.563 estrangeiros, das seguintes nacionalidades: alemães (8.412), austríacos (1.452), italianos (729), franceses (648), suíços (263) e outros (105).

Mas, em matéria de imigração, nada se compara aos números de São Paulo. Para fazer frente a esse fenômeno, foi iniciada em 1886 a construção da *Hospedaria do Imigrante*, em

caráter de urgência, num edifício de uso temporário no bairro do Bom Retiro, onde ficavam os demais hotéis construídos neste período. Porém, as crescentes epidemias de gripe e varíola que atingiam a região determinaram a construção de uma sede definitiva, inaugurada um ano depois, no bairro do Brás, com capacidade para abrigar 4 mil pessoas e com grandes espaços que levavam em conta a necessidade de um grande controle epidêmico. Procedentes de outros países e também de outras províncias, os imigrantes formavam a mão-de-obra necessária para a indústria e a agricultura.



HOTEL S. BENTO
(EDIFÍCIO MARTINELLI)

AVENIDA S. JOÃO, 15
S. PAULO (BRASIL)

TELEPHONE 2-3166



Hotel de primeira ordem em plena Cidade,
installado no maior Edifício da America do Sul

Conforto moderno, amplas habitações e apartamentos
luxuosamente mobiliados

◆ RESTAURANT A" LA CARTE" ◆

Em apenas cinco anos, de 1895 a 1900, a população da paulicéia saltou de 130 mil habitantes para 240 mil. Enquanto isso, a atividade hoteleira crescia incessantemente na cidade. Além do requintado Grande Hotel, na rua São Bento, ergueu-se junto às estações Sorocabana e Luz um conjunto de hotéis com a arquitetura típica da passagem do século, testemunhando a intensa atividade comercial que florescia na época.

No entanto, o fluxo de imigrantes tinha apenas começado. Em 1905, desembarcaram em São Paulo os primeiros sírios e libaneses. Mais de 50 mil sírios chegariam nas décadas seguintes. Em 1908, chegaram as primeiras 165 famílias japonesas. Anos depois, principalmente a partir da Segunda Guerra, chegariam mais de 500 mil. Em 1914, o estado já abrigava 1,8 milhão de imigrantes, dos quais 845 mil eram italianos. O estímulo à industrialização no Brasil, provocado pela Primeira Guerra Mundial, gerou um grande surto de desenvolvimento na região.

Mão-de-obra qualificada não faltava. E os recursos obtidos com a exportação de café ergueram as chaminés das primeiras indústrias de São Paulo. A atividade fabril desenhou um novo perfil urbano e econômico na cidade, que exigiu a ampliação de toda a infraestrutura da cidade, inclusive no setor da hotelaria. Este cenário provocou também o surgimento de hotéis luxuosos, destinados a abrigar os grandes barões do café e os emergentes industriais.

* * *



A evolução nos serviços vinculados à hospedagem ajudou a fomentar, na segunda metade do século XIX, o surgimento de hotéis de categoria, funcionando em edifícios especialmente construídos para essa finalidade. Era o caso de alguns estabelecimentos inaugurados no Rio, nessa ocasião, como o Freitas Hotel, o Hotel Guanabara e o Hotel dos Estrangeiros. Este último, com 120 quartos de primeira ordem, possuía ainda grande salão de jantar, sala de leitura e de bilhares, salão de recepções e salão de banquetes para 300 talheres.

Essa geração de hotéis mudou a imagem que vigorava anteriormente entre os visitantes estrangeiros, a respeito dos hotéis do Rio de Janeiro e do Brasil. Bom exemplo disso, em contraste com as citações que registramos nas páginas anteriores, é o testemunho de James Fletcher sobre sua temporada no Hotel dos Estrangeiros:

"As janelas do quarto estão totalmente abertas e, fechando os olhos, sente-se a brisa da terra, que docemente murmura, trazendo em suas asas não somente o suave e fresco perfume da terra, como, roubando em sua passagem pelos jardins próximos a fragrância dos jasmims, o delicado aroma da florapondia e o perfume das flores recém abertas das laranjeiras, enriquece o ambiente da noite com os mais ricos aromas. O gemido distante das vagas, que vêm quebrar na Praia Flamengo, é uma suave melodia, que acalenta o sono para se sonhar com cenas não mais deleitosas que aquelas que nos rodeiam nas quais existem."²⁵

25. KIDDER, D. e
FLETCHER, J.,
1941

Em 1904 é aprovada a primeira lei de incentivos fiscais para a construção de hotéis no Rio de Janeiro, então Distrito Federal. O Turismo começou a se firmar no país como atividade de grande importância sócio-econômica. A chegada do primeiro grupo organizado de turistas ao Rio de Janeiro, a bordo do vapor *Byron*, em julho de 1907, desperta a curiosidade da população e é notícia de destaque nos jornais. Também no ano de 1907, dois importantes avanços legais trouxeram impactos altamente positivos para a atividade turística: o direito a férias remuneradas (já assegurado na Europa décadas antes) e a isenção de impostos aos cinco primeiros grande hotéis da cidade.

E em 1908, exatamente um século depois da chegada da Corte portuguesa ao Rio de Janeiro, pode-se dizer que a hotelaria brasileira atingia sua maioridade, com a inauguração do Hotel Avenida.

* * *

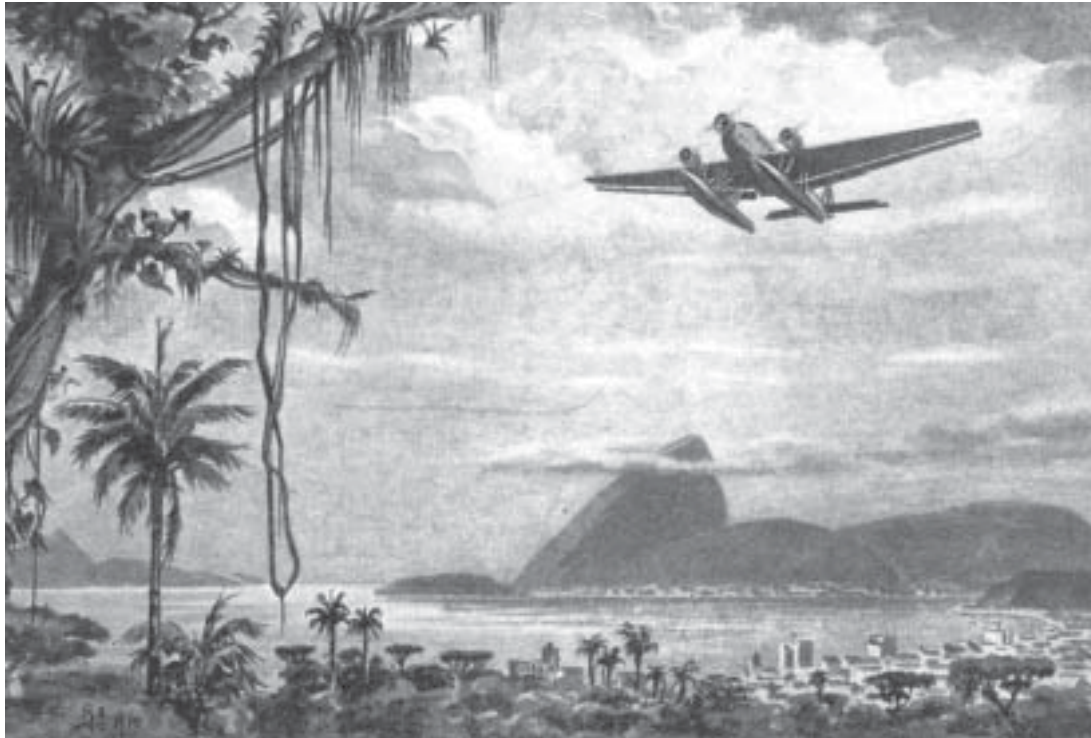
Nos anos de 1920, a próspera capital paulista vivia uma *Belle Epoque*, com a inauguração de luxuosos hotéis e de imponentes palacetes, em meio a um processo de embelezamento da cidade. Bons exemplos dessa fase são o Hotel Terminus, na Avenida Prestes Maia, com mais de 200 quartos, e o Hotel Esplanada, com 250 quartos. Construído ao lado do Teatro Municipal, o Esplanada tornou-se o ponto de encontro da elite paulistana. Outro marco da época é o Hotel Central, na Avenida São João, o primeiro hotel de quatro pavimentos na cidade.

Nessa mesma época, no Rio, o *glamour* dos hotéis notabilizou-se com o sucesso internacional dos bailes carnavalescos. Nesses eventos, dois hotéis inaugurados na década de 1920, o Glória (1922) e o Copacabana Palace (1923) ajudaram a consolidar o Rio de Janeiro como destino turístico. Ambos influenciados pelo Hotel Ritz, de Paris, considerado um marco na história da hotelaria mundial, apresentavam inovações hoje triviais, como banheiro privativo em cada quarto e empregados uniformizados. A grandiosidade das instalações e o requinte dos serviços desses dois hotéis representaram, para o Brasil, um grande avanço nas atividades hoteleiras e turísticas.

Grandes alterações urbanas promovidas no Rio e em São Paulo, especialmente nas primeiras décadas do século XX, afetaram a localização e o conceito arquitetônico dos novos hotéis. O alargamento de avenidas, a verticalização e o uso intenso de automóveis traçaram perfis diferenciados nas principais cidades do país. Assumindo papel de destaque na paisagem paulistana, surgem os hotéis Excelsior, Terminus e São Paulo.

Importa notar que a paisagem dos céus começa a mostrar novidades ao fim da primeira Guerra Mundial (1914-1918): sobravam pilotos experientes e aviões militares, que eram vendidas a bom preço e adaptados para o transporte de passageiros e de malotes postais.





Assim surgiram, principalmente na Europa, inúmeras empresas de transporte aéreo. No Brasil, entretanto, a aviação comercial só ganharia fôlego ao final dos anos 1920.

Inaugurada em 1927, a Varig - Viação Aérea Riograndense transportava seus passageiros nos hidroaviões Dornier Wal de nove lugares e um Dornier Merkur, de seis lugares. No mesmo ano, começou a operar no Brasil a Sindicato Condor, braço da alemã Deutsche Luft Hansa. Dois anos mais tarde, era autorizada a voar no Brasil a Nyrba do Brasil, subsidiária da New York, Rio and Buenos Aires Line Inc., mais tarde incorporada pela Pan American. Recebendo em 1930 o nome de Panair, a companhia operou as primeiras linhas ligando Belém e Rio de Janeiro. Outras companhias internacionais, como a Air France, se instalariam no Brasil nos Anos 1930.

Com o fim da Segunda Guerra o avião passou a ser, em todo o mundo, por excelência, um veículo essencial para o desenvolvimento do Turismo e para o intercâmbio entre os povos. Em 1949, na Europa, foi vendido o primeiro pacote de turismo que utilizava o avião como transporte. Em 1955, a Varig inaugurou sua linha Rio de Janeiro - Nova Iorque, com os confortáveis *Super Constellation*. O transporte aéreo já se consolidava como um fator de grande impulso para o Turismo doméstico e internacional.

Vale notar que, já em 1945, a intensificação das atividades comerciais e de serviços no Brasil, entre elas, aquelas relativas à cadeia produtiva do turismo, motivou empresários do setor a se unirem para constituir a Confederação Nacional do Comércio. No ano seguinte, foram criados o Serviço Social do Comércio - Sesc, que marcaria sua trajetória como um dos principais pólos promotores do Turismo Social no País, e o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - Senac, entidade educacional que viria a se tornar referência do Brasil no campo da formação de profissionais para o Turismo e a Hotelaria.

O crescimento do fluxo de turistas havia propiciado a instalação de novos hotéis em várias capitais brasileiras, como Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre, Recife e Goiânia. Nas regiões de potencial turístico, foi a época dos hotéis-cassino, como o Parque Balneário e o Atlântico, em Santos, o Grande Hotel de Poços de Caldas, o Águas de São Pedro (hoje hotel-escola do Senac), o Grande Hotel de Araxá, o La Plage do Guarujá, o Quisissana em Poços de Caldas, e o Palácio Quitandinha de Petrópolis. No entanto, a proibição dos jogos de azar, em 1946, pelo decreto federal nº 9.215, assinado pelo General Eurico Gaspar Dutra, provocou o fechamento não apenas dos cassinos, mas de vários desses grandes hotéis, que tiveram que reestruturar suas atividades. A ocupação hoteleira caiu brusca-mente. O turismo e a hotelaria sofreram um período de estagnação. A febre imobiliária nas grandes cidades direcionou a maior parte dos investimentos urbanos para a construção de prédios de escritórios e residenciais.

Após quase cinco décadas de funcionamento, o Hotel Avenida, símbolo da hotelaria carioca, é demolido, em 1957, para dar lugar ao Edifício Avenida Central. E o poeta Carlos Drummond de Andrade assim traduziu essa fase, simbolizada pela demolição do Hotel Avenida:



Vai, Hotel Avenida,

vai convocar teus hóspedes

no plano da outra vida (...)

Estou comprometido para sempre

eu que moro e desmoro há tantos anos

o Grande Hotel do Mundo sem gerência

em que nada existindo de concreto

- avenida, avenida - tenazmente

de mim mesmo sou hóspede secreto.²⁶

* * *

Toda a cadeia produtiva do Turismo se ressentia com a crise advinda da proibição dos cassinos no País e dos prejuízos da hotelaria nacional. Da própria crise, sobreveio a união: em 1953, quinze representantes de agências de viagens se reuniram no Rio de Janeiro para criar a Associação Brasileira das Agências de Viagens - ABAV, a exemplo do que já haviam feito os hoteleiros do País ao fundarem, em 1936, a Associação Brasileira da Indústria de Hotéis - ABIH.

Atenta à necessidade de dispor de um fórum próprio para discutir soluções focadas no turismo, a Confederação Nacional do Comércio, criou, em 1955, o Conselho de Turismo, um órgão de assessoramento que reúne notáveis da hotelaria e da atividade turística nacional. Neste mesmo ano, empresários do ramo de hospedagem e alimentação uniram-se para fundar a Federação Nacional dos Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares.

26. ANDRADE, Carlos D. *Obra Completa*, 1957



Essa mobilização setorial acabou por despertar as autoridades públicas do País que, em 1958, aprovaram a criação de um órgão nacional responsável pela coordenação das atividades destinadas ao desenvolvimento do turismo interno e externo: a Combratur, Comissão Brasileira de Turismo (Decreto Federal nº 44.863).

No entanto, a crise ainda se arrastaria por mais alguns anos. Em novembro de 1961, os problemas do setor eram apontados pelo presidente do Conselho de Turismo da CNC, Corintho de Arruda Falcão, em reunião da entidade:

"Falta-nos a civilização de como receber o turista nos portos e aeroportos, nos quais cinco ministérios diferentes entravam a entrada de nossos visitantes, com emprego de métodos e processos obsoletos, já abandonados por todos os países do mundo. [...] falta-nos civilização, quando se nota a inexistência de um grande parque hoteleiro, condição *sine qua non*, para que recebamos hóspedes. Que melancolia, sabermos que todos os apartamentos de classe turística, no Brasil, não atingem o número de 10 mil, enquanto que a França possui 400 mil e a Espanha 280 mil." ²⁷

Apesar do contraste entre o mercado interno e o cenário internacional, os anos 1960 trouxeram novas perspectivas para o Turismo brasileiro. Novos empreendimentos hoteleiros entraram em cena, estimulados pelo aquecimento da economia no período e pelos incentivos para investimentos oferecidos pela Embratur, empresa estatal criada pelo Decreto-Lei 55, de 1966, com a missão de formular, coordenar e fazer executar a Política Nacional do Turismo.

27. FALCÃO,
1961



No início dos anos 1970, a hotelaria e o empresariado do setor deram mostras de novo vigor. No Rio, com um arrojado projeto arquitetônico assinado pelo arquiteto Oscar Niemeyer, além de um jardim desenhado por Burle Marx, foi inaugurado em 1972, em São Conrado, o Hotel Nacional, que chegou a ostentar durante alguns anos o título de o maior e mais moderno da América do Sul.

Nessa época, algumas das maiores redes internacionais de hotelaria começavam a se instalar no Brasil, com novos investimentos imobiliários no setor, contratos de gerenciamento ou sistemas de franquias. Essa nova fase da história da hotelaria brasileira teve início com a Hilton Internacional Corporation, que em 1971, na capital paulista, assumiu a administração

de um hotel com 400 apartamentos na avenida Ipiranga: o Hilton São Paulo, construído pelo consórcio Scuracchio.²⁸ Nos anos seguintes, outras grandes marcas da hotelaria internacional chegaram ao País, em associação com grupos nacionais. Em 1974, começaram a operar o Rio Sheraton e o International Rio, administrado pela Intercontinental Hotel Corporation. Um ano depois, foi a vez do Meridien, em associação com o grupo Sisal. Em 1977, chegou ao País a cadeia Novotel, em parceria com o grupo Moreira Salles. E a rede Caesar Park, que, em 1976, tinha inaugurado seu primeiro hotel brasileiro na capital paulista, estende-se ao Rio de Janeiro em 1979. O Clube Mediterranée se instala na Bahia em 1976.

28. ASMUSSEN, M. et al, 2002

A diversificação de serviços com perfil de luxo e o aumento da profissionalização no setor foram fatores decisivos, a partir desse período, não apenas para a promoção da hotelaria nacional, mas especialmente para o incremento da imagem do Brasil como destino importante do turismo internacional.

Passados cinco séculos desde o desembarque dos primeiros estrangeiros nas terras brasileiras, o Turismo representa hoje o terceiro produto de exportação na balança comercial brasileira, abaixo apenas da soja em grão e do minério de ferro, com uma arrecadação em torno de US\$ 4 bilhões somente com a entrada de turistas estrangeiros. No setor doméstico, os desembarques totalizaram 24,3 milhões de passageiros nos primeiros sete meses do ano, indicando um aumento de quase 20% com relação ao ano anterior.²⁹

29. Ministério do Turismo, 2005

Hoje, a cadeia produtiva do turismo continua a fazer história e a promover o desenvolvimento do Brasil. E, atenta a novas demandas e exigências da atividade turística brasileira, a Confederação Nacional do Comércio, mais uma vez, inova ao criar, em 2004, a Câmara Empresarial do Turismo, que integra os diversos segmentos empresariais da cadeia produtiva do setor, na busca da modernização e competitividade de produtos e serviços turísticos nacionais.

Essa cadeia produtiva do turismo composta por hotéis, restaurantes, bares, empresas de transportes, agências e operadores de viagem, entre outros, gera empregos, renda e riquezas em todo o País, construindo dia após dia a história do turismo no Brasil.

BIBLIOGRAFIA

ALENCAR, José de. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1958. 4v.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Obra Completa - prosa e poesia**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1964.

ASMUSSEN, Michel Willy, ROCHA, Renê, et al. **O Setor Hoteleiro em São Paulo: origem, panorama atual e perspectivas de comportamento**. São Paulo: Escola Politécnica da USP, maio 2002.

BADARÓ, Rui Aurélio de Lacerda. **O Direito do Turismo através da história e sua evolução**. São Paulo: [s.n.], 2005. Disponível em: <www.ibcdtur.org.br/arquivos/DireitoDoTurismoHist.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2005.

BELCHIOR, E., POYARES, R. **Pioneiros da hotelaria no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Senac, 1997. 172p.

BOYER, Marc. **Histoire du tourisme du masse. Que sais-je?** Paris: PUF, 2001.

CAMINHA, Pero Vaz. **Carta a El Rei D. Manuel**. São Paulo : Dominus, 1963.

CEZAR, Therbio Felipe M. **Antecedentes históricos do turismo e da hotelaria; uma revisão**. Disponível em: <<http://www.infotecne.com.br/infotecne.cgi?flagweb=tur10>>. Acesso em: 13 set. 2005

CONSELHO de Turismo da Confederação Nacional do Comércio: 50 anos (1955-2005). Catálogo. Rio de Janeiro: Confederação Nacional do Comércio, 2005. 40p.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1982.

DEBRET, Jean B. **Viagem pitoresca e histórica ao Brasil**. São Paulo: Martins, 1940. 2v.

FALCÃO, Corinto de A . **Discurso proferido pelo presidente do Conselho de Turismo da Confederação Nacional do Comércio**, em 21 de novembro de 1961. Rio de Janeiro: Confederação Nacional do Comércio, 1961. 6p.

HADFIELD, William. **Brazil and the River Plate (1870-1876)**. Londres: W.R. Church, 1877.

HANDBOOK of Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Rio News, 1887.

KIDDER, Daniel P., FLETCHER, James C. **O Brasil e os brasileiros**. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1941. 2v.

LANGSTEDT, F. L. **Reisen nach Sud Amerika** - Asien und Afrika. [S.l : s.n.,data?].

LEAKEY, M. **Tourism and society**. Oxford : Basil Blackwell, 1999. 138p.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Desembarques nacionais têm recorde histórico em julho**. Disponível em <<http://institucional.turismo.gov.br> >. Acesso em: 22 ago. 2005.

WELLS, James W. **Exploring and traveling three thousands miles through Brazil from Rio de Janeiro to Maranhão**. 2.ed. Londres: Sampson, Low, Marston, Searle & Rivington, 1887. 2v.